

OS AGENTES SOCIAIS E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: O CASO DO BAIRRO CENTRO NA CIDADE DE ARAPIRACA-AL¹

Luis César da Silva Santos²

Orientador: Prof. Dr. Roberto Silva de Souza

RESUMO: O estudo procura abordar as transformações socioespaciais ocorridas no Centro da cidade de Arapiraca-AL, entre os anos de 1980 e 2000, no intuito de identificar os principais agentes produtores de espaço. A escala temporal, além de representar um período de consolidação da área edificada por processos de parcelamento do solo, compreende também o boom e declínio da produção fumageira. Estas questões desempenharam importância considerável nos processos consolidados na área estudada. Na pesquisa, de abordagem qualitativa, os dados foram obtidos a partir de análise documental e bibliográfica. Ao final constatou-se que os empresários eram os agentes sociais que detinham a posse da maioria dos imóveis.

Palavras-Chave: Agentes Sociais. Centro de Arapiraca. Produção do Espaço.

ABSTRACT

The study search to approach socio-spatial transformations that occurred in the downtown of Arapiraca-AL between 1980 and 2000, in order to identify the main space-producing agents. The temporal scale, besides representing a period of consolidation of the area built by land parceling processes, also includes the good and decline of the tobacco production. These questions played a significant importance in the consolidated processes in the area studied. In the qualitative of research, the data were obtained from documental and bibliographic analysis. In the end it was found that the entrepreneurs were the social agents who owned the majority of the properties

Key words: Social Agents, Downtown of Arapiraca, Production of Space.

INTRODUÇÃO

¹ O espaço geográfico, no geral, e o espaço urbano, em particular, são produzidos através de um conjunto de ações complexas e às vezes contraditórias, proveniente dos mais diversos agentes sociais. Dentro deste enfoque, a presente pesquisa se propõe Segundo Nardi (2010, p. 53) a produção do fumo de Arapiraca passou por uma profunda crise com queda de 70% da produção entre os anos de 1998 e 2000. de loteamentos e condomínios fechados e outros parcelamentos com funções diversas, em tempos atuais.

¹ I Seminário de Dinâmicas Territoriais e Culturais do Nordeste: 200 anos de (re)invenções de Alagoas, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (PRODIC) da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, realizado entre os dias 27 de novembro e 01 de dezembro de 2017, na cidade de Arapiraca/AL.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (ProDiC) da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. E-mail: cezargeografia@gmail.com.

o Bairro Centro da cidade de Arapiraca, entre os anos 1980 e 2000, período no qual se processa o declínio³ das atividades fumageiras. Este bairro da cidade faz parte da área, de certo modo, mais consolidada com os processos de parcelamento do solo, provenientes de tempos mais remotos, diferentemente daquilo que ocorre com a franja rural-urbana, por meio da inserção

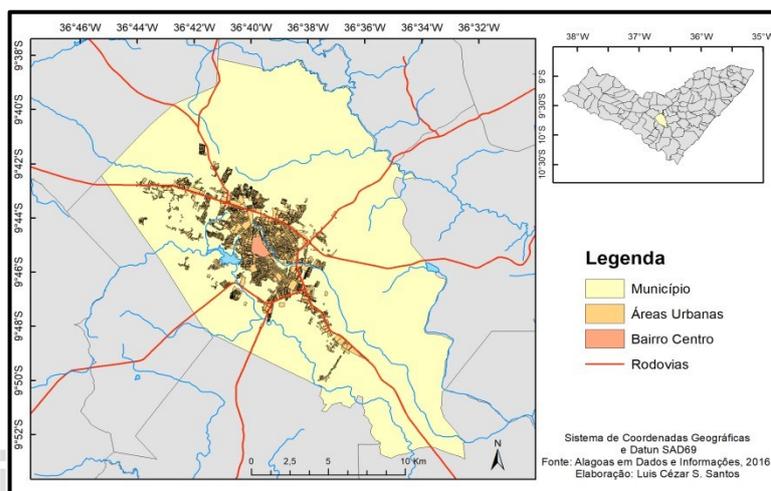
O estudo da área central das cidades desempenha grande importância para o entendimento das questões urbanas, principalmente quando se leva em conta suas múltiplas articulações com as demais áreas da urbe, e com a rede urbana à qual está integrada. O Prof. Milton Santos (2008, p. 28) salienta que a área central reflete, ao mesmo tempo, o passado e as formas atuais da vida da cidade e de sua região de influência, constituindo uma verdadeira síntese.

Todavia, no que se refere à cidade de Arapiraca, constata-se uma carência de estudos urbanos que tenham a área central como objeto empírico. Pelo que se observa, vale salientar que estudos desenvolvidos tendem a priorizar as áreas em processo de expansão, situadas na franja rural-urbana. Assim, a relevância do presente estudo se justifica no sentido em que poderá fornecer elementos importantes para o entendimento mais abrangente, a respeito da atual configuração socioespacial da cidade.

O município de Arapiraca está situado na porção central do estado de Alagoas, como se pode verificar no Mapa 01. Sua população municipal total está estimada em 232.671 habitantes (IBGE, 2016). Ele é possuidor de uma sede que representa a segunda maior cidade do estado, ficando atrás apenas da capital, Maceió. Nos anos 1970, Arapiraca ganhou notoriedade nacional como capital do fumo, tendo em vista a produção fumageira que era a maior do país. Mas, a partir dessa mesma década, teve início a decadência da cultura do “ouro negro”, quando então o espaço agrícola passa por uma diversificação na produção. Na década de 1980, também o comércio local apresenta um importante crescimento, desempenhando, nos dias atuais, importância considerável na economia local.

³Segundo Nardi (2010, p. 53) a produção do fumo de Arapiraca passou por uma profunda crise com queda de 70% da produção entre os anos de 1998 e 2000. de loteamentos e condomínios fechados e outros parcelamentos com funções diversas, em tempos atuais.

MAPA 01: MUNICÍPIO E CIDADE DE ARAPIRACA EM ALAGOAS



Atualmente, a cidade de Arapiraca se encontra no contexto daquela de porte médio, exercendo um papel relevante na dinâmica econômica do estado, influenciando, sobretudo, o Oeste alagoano. É provedora de uma variedade de produtos e serviços, sobretudo em sua área central, a qual contribui, significativamente, para assegurar o papel desempenhado por ela em sua rede urbana.

MATERIAIS E MÉTODOS

Com foco na atuação dos agentes sociais da produção do espaço do bairro Centro de Arapiraca –AL, esta pesquisa se ancora na perspectiva teórica do materialismo histórico e no método dialético. Este método busca compreender o mundo como um conjunto de processos, pelo qual nada está acabado, tudo se relaciona, e é sempre questionado.

Os dados que compõem o arcabouço da pesquisa foram obtidos através de material bibliográfico, pesquisa documental e observações em campo.

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E DINÂMICA DAS ÁREAS CENTRAIS

A produção social do espaço urbano configura-se num processo essencialmente dinâmico, marcado por mudanças contínuas, as quais refletem estratégias e práticas de diferentes agentes sociais. A sociedade, ao se constituir, o faz intrinsecamente por meio de sua dimensão espacial e, nesta linha de raciocínio, a espacialidade é imprescindível à existência da sociedade. Ao parafrasear Carlos (2011, p.53), convém expor que a sociedade com suas especificidades, ao produzir-se, o faz num espaço-tempo determinado. Neste sentido, considera-se que espaço e sociedade se reproduzem

dialeticamente, através de um movimento dinâmico, o que revela a indissociabilidade entre os mesmos, de tal modo que um se realiza através do outro.

Procurando avançar além das aparências expressas nas formas espaciais, o estudo dos agentes urbanos e suas estratégias é um importante mecanismo para compreender a cidade nos diferentes tempos e espaços. Os agentes sociais do espaço urbano são pessoas físicas, grupos ou instituições que agem “concretamente” na contínua (re)definição do referido espaço, estando, assim, inseridos na temporalidade e espacialidade de cada formação socioespacial, como expôs Corrêa (2011), o qual esclarece, também, que a produção do espaço urbano:

É consequência da ação de agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e com outros segmentos da sociedade. (CORRÊA, 2011, p. 43).

Decifrar quem são os agentes urbanos e suas estratégias se mostra uma tarefa desafiadora, tendo em vista que seus interesses muitas vezes são contraditórios e conflitantes e outras vezes são convergentes. Há casos também em que um mesmo agente assume diferentes papéis, no que toca às estratégias e ações sobre a construção do espaço urbano. Além disso, é necessário considerar, ainda, que a atuação dos agentes pode atingir variadas escalas espaciais. Desta maneira, a produção do espaço urbano local pode refletir determinações oriundas de escalas diversas, assim como a ação dos agentes sediados localmente pode se estender a outras escalas espaciais.

É possível fazer diferentes classificações a respeito dos agentes produtores do espaço, as quais dependem do critério que se deseje considerar. De modo que, para Capel (2013, p. 17), os agentes são classificados de acordo com: forma de atuação, individual ou corporativa; caráter inovador que os divide em tradicional ou moderno; os que atuam predominantemente de forma direta, os que atuam de forma indireta etc.

Por sua vez, o Prof. Pedro de Almeida Vasconcelos (2011, p. 91-92) considera uma variedade de critérios para se classificar os agentes produtores do espaço. Aponta que os mesmos podem ser indivíduos, grupos, empresas, associações, privados ou públicos, legais ou ilegais, formais ou informais, hegemônicos dominantes ou dominados, visíveis ou invisíveis, centrais ou periféricos, entre outros.

Corrêa (1995) mencionou os agentes sociais responsáveis pela produção do espaço urbano, e procurou enfatizar as ações que desenvolvem. Para este autor, os agentes sociais

produtores do espaço urbano são "proprietários dos meios de produção", representados por proprietários industriais e pelas grandes empresas comerciais, os quais necessitam de terrenos amplos e baratos, com infraestrutura adequada que por sua vez acaba ficando sobre incumbência do Estado; os "proprietários fundiários" que, por sua vez, têm interesses no valor de troca da terra e não em seu valor de uso; os "promotores imobiliários" que são os agentes realizadores da incorporação, financiamento, estudo técnico, produção e comercialização do imóvel para obtenção do lucro; o "Estado", que tem o papel de organizar o espaço urbano, tanto em termos de estabelecimento de normas, quanto concretamente através da criação de espaços públicos variados; os "grupos sociais excluídos", também se constituem em agentes concretos da produção do espaço urbano, neste grupo estão aqueles que, em virtude de sua insuficiência financeira, ocupam os lugares menos privilegiados da cidade, em muitos casos se apropriam de terrenos públicos ou privados, sem o mínimo de infraestrutura e, através do sistema de autoconstrução dão origem aos aglomerados de baixa renda (as "favelas").

Em outra obra, observa-se que Corrêa (2011, p. 46), menciona outros agentes que, em maior ou menor intensidade, estão inseridos historicamente no processo de produção do espaço, são eles: bancos, companhias de seguros, empreiteiras, empresas ferroviárias e de bondes, fábricas têxteis, firmas comerciais e de serviços, grupos de previdência privada, indivíduos com investimentos e ordens religiosas.

Diante do exposto, constata-se que apesar dos diferentes critérios utilizados, para os autores supracitados, os atuais agentes produtores do espaço das cidades capitalistas seriam basicamente os mesmos. Ainda que atuem com diferentes intensidades a depender das especificidades que marcam cada formação socioespacial.

Consoante às contribuições de Corrêa (1995) é possível reconhecer que o espaço urbano é composto por partes distintas que estão articuladas entre si e, neste sentido, considera-se que a área central é o núcleo dessa articulação. Trata-se da área de maior acessibilidade dentre as demais que compõem a cidade.

As áreas centrais podem ser consideradas "um conjunto vivo de instituições sociais e de cruzamento de fluxos de uma cidade real" (VILLAÇA, 2001, p. 238). A convergência dos mais variados fluxos para esta área se explicam pela sua acessibilidade que comumente é a melhor entre as demais. Desse modo, a origem da centralidade, conforme Villaça (2001, p. 242), se explica pela possibilidade de minimizar o tempo gasto e os custos associados aos deslocamentos espaciais.

A área central, privilegiada do ponto de vista da acessibilidade, tem consequentemente o preço da terra valorizado em virtude da lógica do mercado, se sobressaindo, assim, o valor de uso excepcional sobre o valor de troca. Além disso, o solo é utilizado de modo intenso. Por esses fatores, esta área se apresenta também enquanto espaço de disputas que, por sua vez, tanto ocorrem entre classes distintas, quanto entre membros ou grupos de uma mesma classe. A acessibilidade da área central, atrelada a outras vantagens locacionais, torna-a notadamente valorizada, de modo que a tendência é que só se mantenham nesta área as atividades econômicas que possibilitem um “adequado” custo-benefício, com destaque no setor terciário.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A área central de uma cidade, caracterizada pelo conjunto de serviços que agrega em razão de uma qualidade ímpar que é a acessibilidade superior à de qualquer outra área, não surge aleatoriamente ou pela simples projeção de planejadores. Neste sentido as contribuições de Villaça (2001, p. 238) propiciam subsídio para a reflexão sobre o processo de constituição de uma área central. Ao considerar que o que leva determinado ponto do espaço a tornar-se uma área central são as determinantes que acontecem ao longo do processo histórico, e vão produzir tal área, em detrimento de outras consideradas não centrais.

É importante salientar que as áreas centrais podem se diferenciar de uma cidade para outra, a depender da complexidade do fenômeno urbano. O território do antigo distrito de Arapiraca foi elevado à categoria de município no ano de 1924 e, ao longo do processo histórico, sua sede foi se constituindo a partir da porção espacial correspondente à sua atual área central (Mapa 02):

Realização:

ProDiC UNEAL

ANO	POPULAÇÃO	RURAL	URBANA	POP. URB (%)
1960	44.483	23.334	21.149	47,5%
1980	136.179	49.004	87.175	64,0%
2000	186.466	34.112	152.354	81,7%

FONTE: Adaptado da Prefeitura Municipal de Arapiraca (2012).

É importante salientar que o crescimento não ocorreu acompanhado da devida infraestrutura e serviços urbanos, o que se configurava na precariedade patente que causava desconforto e insatisfação à população, conforme registros encontrados em uma diversidade de fontes documentais datadas das décadas de 1980 aos anos 2000. Até mesmo a área mais antiga da cidade, onde está situado o bairro Centro, se verificavam estes tipos de problemas.

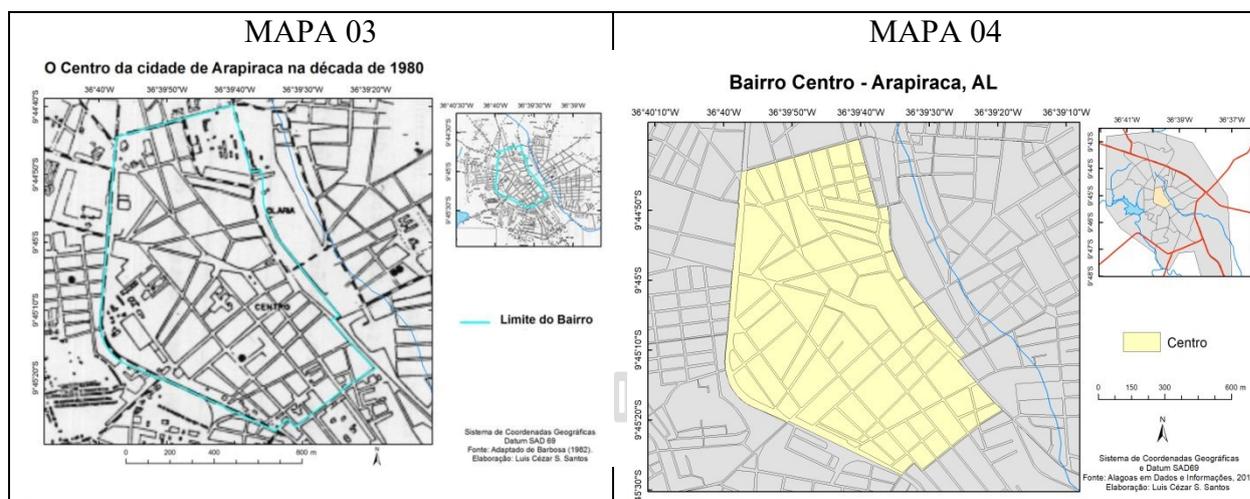
No início dos anos 1980, nas principais ruas do Centro, já se verificava a predominância de usos comerciais e de serviços, atividades que se tornavam rarefeitas à medida que se distanciavam para suas bordas, onde os usos residenciais tinham maior notoriedade. A feira livre de Arapiraca, com toda sua dinâmica espacial, ocorreu nas principais ruas do Centro, até o início dos anos de 2000, quando foi transferida para as bordas do bairro. O bairro em questão se caracterizou ainda por ser espaço de convivência e de manifestações culturais, políticas e religiosas.

No que se refere à (re)produção do espaço na área central, no período decorrido entre o início da década de 1980 e o ano de 2000 não se verificam grandes mudanças em seu desenho urbano, isso porque esta área, em sua maioria, já se encontrava consolidada com processos de parcelamentos de solo ocorridos em períodos anteriores. Constatam-se nesta área imóveis edificados em lotes de variadas dimensões, em razão da ausência de leis urbanísticas que orientassem um adequado planejamento urbano.

Segundo Damasceno et al (2016), a partir da década de 1980 há uma preocupação por parte do poder público local com o planejamento urbano, tendo ocorrido atuação no tocante ao controle e fiscalização de loteamentos privados. Todavia, o primeiro Plano Diretor do Município só veio ser aprovado no ano de 2006. Romão, Matias et al (2008) informam que o primeiro Plano Diretor do município foi elaborado na década de 1980, contudo, o mesmo não foi aprovado pelo Poder Legislativo local, de igual modo ocorrendo com um novo documento elaborado na década de 1990.

É importante apontar que, no início da década de 1980, certas áreas de bordas do Centro se apresentavam com configurações diferentes daquelas do início dos anos 2000.

Algumas áreas das porções norte e oeste do referido bairro não tinham sequer a delimitação dos logradouros, como se pode verificar comparando os Mapas 03 e 04:



Conforme Damasceno et al (2016), ao longo da década de 1980, surge um loteamento na porção norte e outro na porção oeste, todavia, os mesmos não absorvem toda a área, de modo que parte dela permanece como terreno baldio ao longo da década, cujo conteúdo social não se presta a comércio ou serviço.

Durante o período em que o estudo tenta contemplar, a grande maioria dos imóveis do bairro foi reformada e parte significativa foi ampliada verticalmente, tendo surgido, dessa maneira, uma quantidade importante de prédios com gabaritos modestos de um e dois andares.

O poder público local realizou consideráveis intervenções no bairro, ainda que estas fossem insuficientes para suprir a visível carência de infraestrutura e serviços indispensáveis à garantia de direitos dos cidadãos. As obras de infraestrutura urbana se tornarão mais intensas nos anos 2000, quando se nota o delineamento de políticas que visam à reestruturação da área central.

As áreas dos limites do bairro Centro com maior precariedade de infraestrutura urbana eram ocupadas por agentes sociais de baixo poder aquisitivo, enquanto que as áreas mais consolidadas do ponto de vista da acessibilidade e de serviços públicos, exploradas, sobretudo, pelas funções comerciais e de prestação de serviços, no geral, pertenciam à elite econômica local.

Pelo que se verificou, através da análise dos dados, eram os empresários ligados à atividades de serviço e comércio que detinham a posse da grande maioria dos prédios do Centro da cidade. A maioria desses agentes também se envolvia em negócios inerentes à

cultura fumageira, podendo ser produtores, industriais, ou intermediários. Nas atividades com o fumo, os mesmos obtinham renda significativa, a qual era (re)investida no Centro e em áreas adjacentes, nas quais posteriormente constituíram-se os novos bairros que atualmente integram a cidade. O processo de expansão urbana, modificando o uso de solo do rural em prol do urbano, favoreceu os proprietários das glebas, possibilitando a reprodução de seus capitais.

Na cidade de Arapiraca se verifica que a lógica do capital induz a população economicamente desprivilegiada a ocupar os locais inadequados do ponto de vista da infraestrutura e serviços públicos, enquanto que estratos sociais, detentores de poder econômico, usufruem das localizações bem servidas e adequadas aos seus interesses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados levantados no âmbito desta pesquisa permite vislumbrar - com necessidade de maiores aprofundamentos - que, no período decorrido durante os anos 1980 e 2000, o Centro tendeu a ser uma área fortemente controlada por agentes tradicionais envolvidos na configuração da estrutura espacial da cidade e/ou por empresários que investiam em diferentes ramos, visando a reprodução de seus capitais. O poder público local realizou constantes intervenções no Centro da cidade e a estratégia deste agente produtor do espaço se efetivou no sentido de qualificar o Centro, com vistas a garantir o desempenho das funções que caracterizam a área enquanto eixo centralizador e propulsor de um conjunto de funções sociais e econômicas afetando na dinâmica territorial não apenas de Arapiraca, mas de sua região de influência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Estimativa da População 2016**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php>. Acesso em 14 Fev. 2017.

BARBOSA, Silvete. **Cultura fumageira e mobilidade da força de trabalho em Arapiraca - Alagoas**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Geociências. 1982.

CAPEL, Horacio. **La morfologia de las ciudades**. III. Agentes urbanos y mercado inmobiliario. Barcelona, Serbal, 2013. (Colección La Estrella Polar; 62).

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes

de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011. (p. 41-51).

DAMASCENO, A. T. Análise espacial do desenho urbano contemporâneo: o processo de evolução da ocupação urbana a partir da expansão dos empreendimentos privados em Arapiraca-AL, Brasil. In: CONGRESSO LUSO BRASILEIRO PARA O PLANEJAMENTO URBANO, REGIONAL, INTEGRADO E SUSTENTÁVEL, 7., 2016, Maceió. **Anais...** 2016. Disponível em: <<http://www.fau.ufal.br/evento/pluris2016/>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011. (p. 41-51).

GUEDES, Zezito. **Arapiraca através do tempo**. Maceió: Gráfica Mastergraphy Ltda., 1999.

NARDI, Jean Baptiste. **Acabou-se o fumo: Formação Socioeconômica e Espacial em Arapiraca-AL**. Maceió: Q gráfica, 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA. **Plano Decenal de Arapiraca: Desenvolvimento Territorial Sustentável no Agreste Alagoano**. Maceió – AL: Manguaba Produções, 2012.

ROMÃO, Simone Rachel Lopes; MATIAS IRMÃO, José; LIRA, Rosa M. Ângelo de Oliveira. **A cidade do futuro: Agenda 21 Arapiraca**. Maceió: IDEARIO, 2008. 171 p.

SANTOS, Milton. **O centro da cidade do Salvador: estudo de Geografia Urbana**. 2. ed. - São Paulo: Edusp, 2008. (Coleção Milton Santos; 13).

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. A utilização dos agentes sociais nos estudos de geografia urbana: avanço ou recuo? In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011. (p. 75-96).

VILLAÇA, Flavio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. Studio Nobel/FAPESP/ Lincon Institute, São Paulo, 1998.